



Reprodução social das desigualdades através da escola

Pedro Augusto Chizollini Lonel

1º semestre/2019

Introdução

Este material foi pensado para ser utilizado como referência na elaboração de sequências didáticas para professores de ensino de sociologia do ensino médio. A sequência didática sugere uma aproximação à obra de Pierre Bourdieu, tratando da questão da reprodução das desigualdades sociais por meio das desigualdades escolares.

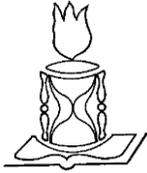
A proposta se divide em três eixos, sendo cada um pensado para ser trabalhado em duas ou três aulas de 45 minutos. São eles:

- 1) As desigualdades sociais e estruturais: uma perspectiva macrossocial.
- 2) As desigualdades escolares e sua produção social: *habitus* e reprodução cultural
- 3) As desigualdades de trajetória: uma perspectiva microssocial.

Eixo 1: As desigualdades sociais e estruturais: uma perspectiva macrossocial.

Aula 1 e 2: Compreendendo a estratificação social brasileira

Breve descrição: Apresentar a estrutura social brasileira e as desigualdades vigentes no país em termos da relação entre os indicadores de raça, cor, gênero e escolaridade com dados de renda e emprego no Brasil. Mostrar como a



realidade social é socialmente construída e como os bens materiais e simbólicos são desigualmente distribuídos.

Objetivo: Apresentar o conceito de estratificação e a distribuição dos bens simbólicos e materiais entre as classes sociais. Pretende-se demonstrar como a realidade social é desigualmente construída.

Previsão de desenvolvimento: 2 aulas de 45 minutos cada.

Recursos necessários: Power point, se possível, e cópias das notícias, gráficos e tabelas a baixo.

Dinâmica utilizada:

Aula 1 – Aula expositiva

Desenvolver a noção de classe através dos bens materiais e simbólicos, renda e escolaridade e compreender como a distribuição desses bens ocorre na sociedade. Identificar as desigualdades sociais através da distribuição desigual destes bens entre grupos sociais, segundo raça, cor e gênero. Cada grupo social possui probabilidades distintas de acumulação de bens materiais (renda) e de apropriação dos bens simbólicos (escolaridade), por isso tende a ocupar posições sociais distintas. Apresentar o conceito de classe social a partir da perspectiva bourdieusiana. Definir que, para Bourdieu, as classes são definidas a partir da relação que determinados indivíduos ou grupos têm com o capital econômico e com o capital cultural, podendo ocupar posições diversas na sociedade a partir da posse maior ou menor destes bens.

Aula 2 - Apresentação de notícias e gráficos

Retomar os conteúdos da primeira aula. Analisar os gráficos retirados de pesquisas feitas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)



trimestral do IBGE (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística). Analisar as desigualdades sociais e indicar a relação desigual com as escolaridades. Leitura das matérias “*Mulheres e pessoas negras têm menor renda e são maioria entre desempregados no Brasil*” do portal Gênero e Número e da matéria “*PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo*”, feita pela agência IBGE de notícias (Anexo 1 e 2)

Discussão com os alunos

- ✦ Dividir a sala em 4 grupos, distribuir os textos entre os grupos, de forma que dois grupos leram o Texto 1 e dois grupos leram o Texto 2;
- ✦ Perguntar os principais pontos levantados pelas matérias, o que mais chamou a atenção, o que não compreenderam ou que tiveram mais dificuldade
- ✦ Levantar os principais pontos indicados pelas notícias e gráficos: Rendimento mensal masculino é superior ao feminino; Rendimento mensal entre brancos é superior ao de pretos e pardos; Desemprego é maior entre a população preta e parda e menor entre a população branca; Rendimento mensal é muito superior entre aqueles que “completaram o ensino superior” inclusive em relação aos de “ensino superior incompleto”;
- ✦ Identificar a escolaridade como um dos principais fatores de reprodução das desigualdades sociais;
- ✦ Levantar com a sala o nível de escolaridade dos pais e identificar a que grupo social cada aluno/a se identifica.



Gráficos

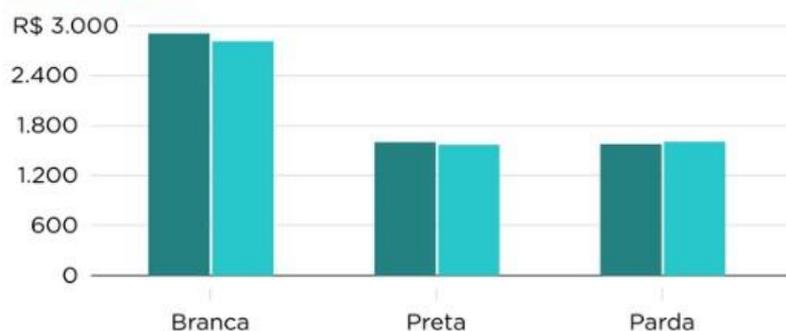
1 Diferenças por raça/cor

Um brasileiro branco recebeu, em média, R\$ 2814 em 2017. Isso é mais de mil reais a mais que a média entre os negros. Pretos tiveram rendimento médio de R\$ 1.570 e pardos de R\$ 1.606.

Essa é a diferença entre a média dos rendimentos de acordo com a cor da pele. Não se leva em conta, nesse recorte, outras variáveis como escolaridade, profissão e idade, por exemplo.

Rendimento médio real por raça/cor

■ 2016 ■ 2017



Fonte: PNAD Contínua / IBGE

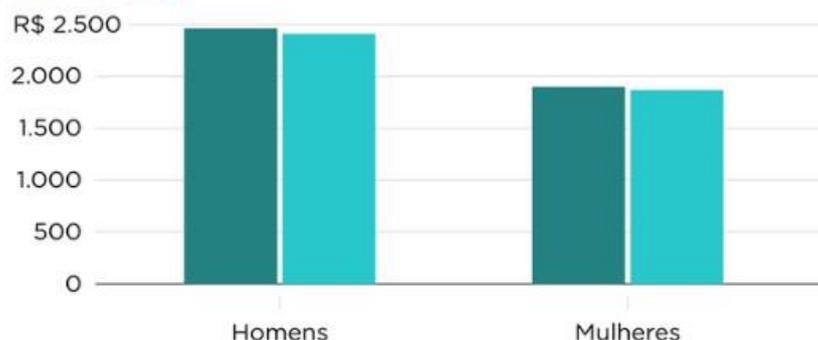
NEXO

2 Diferenças entre gêneros

A diferença é grande também entre gêneros. Os homens recebem, em média, 29% mais que as mulheres. Elas tiveram rendimento médio de R\$ 1.868 em 2017, eles, R\$ 2.410. Esse dado também não leva em conta variáveis além do gênero.

Rendimento médio real por gênero

■ 2016 ■ 2017



Fonte: PNAD Contínua / IBGE

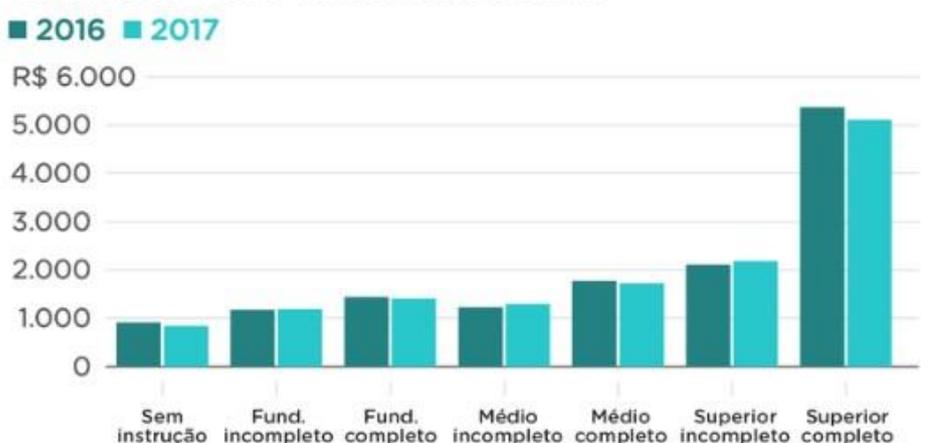
NEXO



3 Diferenças por grau de escolaridade

O grau de escolaridade está diretamente ligado ao rendimento médio recebido por um brasileiro. Quem não foi para a escola, recebe em média menos de um salário mínimo - cerca de R\$ 842. O grande salto no rendimento está entre os que concluíram curso universitário, eles ganham mais que o dobro, na média, das outras categorias.

Rendimento médio real por escolaridade



Fonte: PNAD Contínua / IBGE

NEXO

In: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/13/As-diferen%C3%A7as-atuais-de-rendaentre-os-brasileiros-em-5-gr%C3%A1ficos>

Eixo 2: As desigualdades escolares e sua produção social: *habitus* e reprodução cultural

Aula 3, 4 e 5: Compreendendo a noção de *habitus* e capital cultural.

Breve descrição: Introduzir a noção de capital cultural e *habitus* através da leitura do conto “Espiral”, de Geovani Martins, e do conto “Caso com um clássico”, de Antón Tchekhov. Em ambos os contos são retratadas as infâncias de crianças e adolescentes de baixa renda, moradores de comunidades no Rio de Janeiro, mostrando suas visões de mundo, seus modos de ser, agir e pensar, bem como os contextos em que estão inseridos e os conflitos e as tensões que experienciam com as outras classes sociais.



Objetivo: Mostrar como a construção subjetiva dos indivíduos é diretamente relacionada com as características objetivas e, a partir das trajetórias e relações vivenciadas a partir de distintos processos de socialização, é possível identificar a construção de um *habitus*.

Previsão de desenvolvimento: 3 aulas de 45 minutos cada

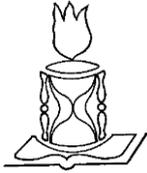
Recursos necessários: Computador e data show; Cópias dos contos “Primeiro dia”, de Geovani Martins, e “Caso com um clássico”, de Antón Tchekhov, uma cópia para cada aluno.

Avaliação: A avaliação deste eixo será feita através de um trabalho em grupo, a ser entregue e apresentado em sala. A avaliação será composta pelas respostas das questões formuladas pelo professor, referentes aos contos, e pela apresentação em sala das discussões e debates sustentados pelo grupo. A sala será dividida em 2 grupos, sendo que cada grupo ficará com os 2 contos. Os contos contarão com uma série de questões relacionando-os e contrapondo-os, de forma que os estudantes possam identificar as semelhanças, oposições e distinções em cada um dos textos. Por fim, após discussão em sala e escrita das respostas, cada grupo fará uma apresentação em sala relatando as discussões, questões e respostas dadas pelo grupo. A avaliação será uma soma das repostas e da apresentação do grupo.

Dinâmica utilizada:

Aula 3 – Aula expositiva

Exposição dos conceitos de capital cultural e *habitus*. Exibição do vídeo “Pierre Bourdieu: Conceito de Capital Cultural”, da UNIVESP TV, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=Qlc6GBcO50>. Apresentação do conceito de capital cultural.



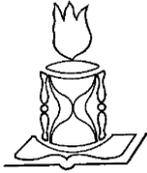
Em seguida, apresentação dos conceitos de *habitus* e capital cultural. A partir da ideia de que a realidade social tem a tendência de preservar suas características a fim de gerar uma reprodução social.

Distribuição dos contos “Primeiro dia”, de Geovani Martins, e “Caso com um clássico”, de Antón Tchekhov

Aula 4 – Discussão em grupo e respostas de questões sobre os textos

Retomada rápida dos conceitos apresentados na última aula. Formação dos grupos para realização do trabalho. Distribuição das questões referentes aos textos:

- ✦ **Quais as relações que cada um dos protagonistas dos textos possui em relação a família e a escola?**
- ✦ **Como a questão do trabalho aparece para cada um dos protagonistas? Há diferenças? Há semelhanças?**
- ✦ **Como é expressa a relação com o trabalho e a escola entre as famílias dos dois contos? Há diferenças? Há semelhanças?**
- ✦ **É possível identificar estilos de vida, concepções e perspectivas de mundo dos atores em cada um dos textos? Quais são estes? São semelhantes ou diferentes?**
- ✦ **É possível identificar relações conflituosas nos dois textos. Que tipo de conflitos são estes? Quais as diferenças entre si? É possível traçar semelhanças?**
- ✦ **Quais lugares sociais ou posições sociais vocês identificam que ocupam cada um dos autores? Qual o peso dos lugares sociais para as ações e escolhas de cada protagonista?**
- ✦ **Em cada texto podemos identificar, a partir das ações e expressões dos protagonistas, pesos distintos em relação ao trabalho e a escola. Em qual dos contos a ênfase dada pelo protagonista é maior em relação ao trabalho? E em qual conto a ênfase dada à escola é maior? Por quais razões essa distinção ocorre?**



Aula 5 – Apresentação das respostas e conversa sobre o tema

Sala dividida nos grupos mais uma vez. Entrega das questões discutidas em sala de aula e respondidas em casa. Apresentação dos grupos sobre discussões e respostas dadas as questões.

Espera-se que nesta aula os estudantes apresentem as questões e relacionem os textos com os conceitos de capital simbólico, *habitus* e violência simbólica.

No conto “Caso com um clássico”, pode-se identificar as expectativas, as estratégias familiares e as perspectivas de mundo que compartilham a mãe e a tia do protagonista. No caso de ambas, há claramente um conflito em relação ao futuro do menino, dividindo-o em buscar um trabalho e dedicar-se aos estudos. A socialização e a formação do *habitus* se dá a partir das relações familiares, das maneiras de ser, pensar e agir compartilhadas. Nesse caso, é possível identificar um conflito, o que pode gerar um *habitus múltiplo* ou o desenvolvimento de disposições sociais distintas. Ainda assim, no texto podemos ver o tipo de capital cultural e simbólico privilegiado pela escola: o grego. O protagonista demonstra muita dificuldade e o resultado acaba sendo o esperado: a reprovação. Nesse sentido, temos a mostra dos conteúdos, dos tipos sociais e das visões de mundo privilegiadas e reproduzidas pela escola: o arbitrário cultural das elites.

No conto “Primeiro dia”, vemos a busca do protagonista em adquirir seu primeiro trabalho e com isso, sua primeira fonte de renda. O trabalho adquire valor privilegiado, enquanto a escola, ainda que citada em alguns momentos, é claramente deixada de lado, como uma esfera menos relevante da vida social. A escola aparece ora como uma forma de se adquirir um status social através dos sinais de riqueza (ex. o tênis novo comprado), ora como local de desconexão



com a vida e as visões de mundo do garoto – quando não se apresenta como algo “proibido”, através da falta de compreensão com as aulas de inglês.

A formação de um *habitus* está muito ligado a ideia de autonomia através do trabalho, de oposição em relação ao padrasto e de interiorização do valor do trabalho para a vida. Essa mesma perspectiva traz conflitos internos para o personagem, seja quando toma consciência de seu lugar social, ao entrar em tensão com os garotos que jogam tênis no clube em que trabalha, seja através da vergonha, ao ser visto pelo amigo ou pela pretendente, realizando um trabalho socialmente desqualificado.

Dessa forma, é possível identificar as posições sociais ocupadas pelos atores e os conflitos que vivenciam em suas vidas cotidianamente, dadas as relações materiais e simbólica que contribuem para a reprodução social da classe ou do grupo.



Conto 1 – Trecho do conto “Sexto”, retirado do livro “O sol na cabeça”, de Geovani Martins

Quando minha mãe descobriu que eu tava fumando cigarro, ela não veio me comendo no esporro, como eu imaginava. Ela só disse que não me daria mais dinheiro, que, se eu já tinha idade pra ter vício, também já tinha idade pra trabalhar e manter o vício. Na hora fiquei bolado, mas depois entendi que o papo era reto. É como diz o ditado: “Quem tem filho com o cu cabeludo é macaco!”.

O primeiro trabalho que arrumei foi de boleiro, com o Márcio, um professor de tênis que morava em cima da minha casa. Ele dava aula nuns condomínios lá na Barra da Tijuca, e a gente tinha que sair de casa até cinco e meia da manhã, porque depois, das seis até as dez, a Niemeyer só funcionava em sentido contrário ao nosso. Ele era um cara maneiro e a gente ia trocando a maior ideia no caminho. Mesmo indo trabalhar com tênis, nosso assunto era sempre futebol.

Com o dinheiro que ganhava, pude comprar umas paradas pra mim e ainda ajudar minha mãe com as compras do mercado. Quando comprei meu tênis Nike, cheguei a dormir com ele na primeira noite. Ficava andando na rua e olhando pro pé toda hora, vendo a sola tocar o chão, vibrando de felicidade. Melhor ainda foi quando pisei na escola, me sentia o máximo, parecia que todo mundo tinha parado pra me ver chegar. O que também me lembro bem dessa época é da sensação de estar ajudando em casa pela primeira vez, e de como isso transformava o tratamento que recebia na família. Era tão bom tudo aquilo, que queria continuar trabalhando pra sempre, pensava isso enquanto estava em casa; mas, quando chegava nos condomínios, pegava o cano que usava pra recolher as bolinhas de tênis, pisava na quadra, sentia o sol esquentando na minha cabeça, a obrigação de servir gente que nem olhava na minha cara, nessas horas eu queria nunca mais depender de ninguém nessa vida.

Passei a odiar todos eles. Tanto os mais velhos quanto os mais novos, a esses odiava ainda mais. Ficava correndo atrás das bolinhas, imaginando as respostas que gostaria de dar pras merdas que eles falavam e que eu era obrigado a ouvir. Tudo me irritava neles, o jeito que andavam, falavam, riam, tratavam os funcionários, mas o que eu mais detestava era quando reclamavam dos seus problemas: minha empregada faltou hoje, meu carro teve que ir pra oficina, não aguento mais fazer aula de inglês, o cachorro do vizinho latiu a noite toda.

Às vezes chegava na escola ainda tremendo de raiva, mas aí encontrava os amigos, trocava uma ideia, ia passando. Quando tava em casa, só conseguia lembrar da



parte boa: dinheiro no bolso, comida no prato, não precisar lavar a louça. Até que um dia tudo explodiu. Um aluno mais ou menos da minha idade veio falar uma gracinha pra mim, disse que eu parecia o personagem de um desenho animado. Falei pra ele: “Tomar no cu, mermão. Sou teus amiguinhos de condomínio não!”. O moleque ficou me olhando assustado, parecia não acreditar na coragem que tive. Na hora eu também não acreditei.

O Márcio ficou bolado, disse que quase fodo com o trabalho dele. Minha mãe também ficou bolada, todo mundo ficou muito puto com essa história. Mas, pra mim, a pior coisa foi o Márcio ter parado de falar comigo. Foi ele que me levou num estádio de futebol pela primeira vez, nunca vou me esquecer. Depois disso, durante um tempo, toda vez que o Flamengo metia uma bola na rede eu lembrava dele, tinha vontade de bater lá em cima, gritar junto, dar aquele abraço de gol.

Tive vários trabalhos depois desse, mas é foda. Além de tu ter que chegar sempre na hora, passar a maior parte do dia fazendo uma parada pros outros, ter que fazer a barba, cortar o cabelo, tu ainda tem que ter sangue de barata. Não conseguia me firmar em nada, e as coisas em casa às vezes ficavam esquisitas. Minha convivência com meu padrasto não era fácil; às vezes a gente se falava numa boa, em outras parecia que só tinha espaço pra um de nós dois naquela casa. Minha mãe ficava sempre do meu lado, do jeito dela mas ficava. Sei que ela também ficava puta com essa minha falta de tolerância, como ela mesma dizia. “Manda quem pode, obedece quem tem juízo.” O caralho, eu ficava pensando.

Entrei na de entregar papel por indicação de um amigo que estudava comigo. Era pra ser uma parada rápida, só pra me segurar por um tempo, mas já tô nessa há quase um ano. A grana é curta, trinta reais por dia, de segunda a sexta, de oito às quatro. Em compensação o trabalho é fácil: é só entregar os papéis na mão de quem passa na minha frente, se a pessoa pegar tudo bem, não me importo se ela vai jogar no chão ou vai procurar o escritório pra pedir um empréstimo. Se ela não pegar, vida que segue, o que não falta é gente pra ficar tentando. Uma coisa boa desse trabalho é que não preciso falar com ninguém, tenho tempo pra ficar pensando, planejando minhas coisas, imaginando o futuro.

Foi estranha a primeira vez. Tinha dormido tarde, cheguei lá no ponto de encontro em cima da hora marcada, já tinha um pessoal esperando. Tinha muita gente de rua, uma mina grávida, uma coroa com mais idade do que minha vó. Não sabia se era exatamente ali que deveria aguardar, meu amigo ainda não tinha chegado. Acendi um cigarro, tentando entender onde é que tava me metendo. Meu amigo chegou confirmando que o lugar era ali mesmo, esperamos mais uns dez minutos e apareceu o fiscal. Ele perguntou meu nome e me entregou um paco de papel, depois me disse pra



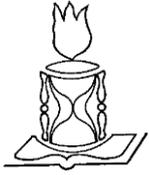
entregá-los na rua da Carioca, bem na esquina, um pouco antes de chegar na praça Tiradentes. Então fui pra lá.

No começo sentia muita vergonha. As pessoas passavam, parecia que elas sentiam sempre pena de mim, ou raiva, sei lá. Às vezes, quando eu via alguém chegando, fazia o contato visual, me preparava pra entregar o papel; nessas horas, de alguma forma, sentia que aquelas pessoas preferiam que eu não existisse. O problema é que eu levava os olhares pro lado pessoal. Demorei pra entender que aqueles olhares, independente do significado, não eram pra mim, eram pro entregador de papel. E esse não sou eu, nem ninguém.

Depois de entender essa diferença, ficou tudo mais tranquilo. Menos quando passava algum conhecido. Nessas horas eu tinha vontade de me esconder embaixo do asfalto. A primeira vez que aconteceu foi com um amigo lá do morro, ele vinha andando pela calçada, vi de longe. Pensei em sair de perto, mas era mais ou menos a hora que o fiscal passava por ali. Decidi ficar parado, com a cabeça baixa pra ele não me ver. Quando achei que já tinha passado e levantei a cabeça, ele estava parado na minha frente, pronto pra falar comigo. Tentei esconder os papéis, mas não deu. Falei pra ele: “Tô na correria, irmão”. Ele me disse que tá foda, tá correndo atrás também, que se pá ia ver comigo pra colocar ele nessa fita. Depois a gente se abraçou e ele me disse pra aparecer lá na casa dele pra jogar videogame. Outra vez, essa foi foda, o coração disparou, parecia até que ia sair pela boca. Tava vindo uma mina lá da Cruzada que eu tava desenrolando um tempão na internet. Já tinha dado o maior trabalho fazer a mina me dar confiança, se ela me visse ali já era. Sabia que ficar parado não adiantava, então continuei entregando o papel, como se nada tivesse acontecendo, e não deu outra, a mina passou batida, na maior tranquilidade.

Com o pagamento da minha primeira semana, decidi que ia lá no Jacarezinho comprar um baseado. Tava um tempão sem maconha, só fumando quando alguém salvava. Agora queria pegar um peso maneiro pra poder salvar quem me ajudou na época da seca. Tava pensando em pegar uma maconha de cinquenta. Ficar tranquilo. Com o resto da grana eu ia pagar a conta da internet e comprar lá pra casa algumas coisas que tivessem faltando. Não me importava em ficar duro, o bom de trabalhar o dia todo e ir pra escola à noite é que não dá tempo de você querer gastar dinheiro.

Um cracudo tinha me vendido um cartão de passagem da Supervia por dois reais. É sempre uma transação arriscada, comprar essas coisas de viciado, mas esse maluco ficava lá perto de onde eu tava trabalhando, não ia mudar de lugar por conta de dois reais. Garantiu que tinha duas passagens. Já facilitava pra ir na missão, parecia que tudo conspirava a meu favor. Desisti até de ir pra escola nesse dia, chegando no morro ia direto pro cantão fumar um da braba e curtir o visual. [...]



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Conto 2 – “Caso com um clássico”, retirado do livro “Dama do cachorrinho”, de Antón P. Tchekhov



Preparando-se para prestar exame de grego, Vânia¹ Otiépielev beijou todos os ícones. Algo lhe rolava no ventre e, ante o desconhecido, seu coração, transido de frio, ora batia acelerado, ora quase estacava de medo. O que vai acontecer hoje? Um três ou um dois²? Aproximou-se da mãe umas seis vezes, para a benção, e, saindo de casa, pediu à tia que rezasse por ele. A caminho do colégio, deu dois copeques a um mendigo, calculando que resgatassem sua ignorância e, graças a Deus, não lhe saíssem sorteados números cardinais, com aqueles *tessarakonta e oktokaideka*³.

Voltou do ginásio tarde, depois das quatro. Entrando em casa, deitou-se sem fazer barulho. Seu rosto magro estava pálido. Círculos escuros apareciam-lhe junto aos olhos congestionados.

— Bem, e então? Como foi? Que nota tirou? — perguntou mamãe, acercando-se da cama.

Vânia pôs-se a piscar os olhos, entortou a boca e começou a chorar. Mamãe empalideceu, abriu a boca e ergueu os braços. Caíram-lhe das mãos as calças que estava consertando.

— Mas, por que está chorando? Quer dizer que foi reprovado? — perguntou.

¹ Diminutivo de Ivan.

² A nota máxima era cinco e a de aprovação, três.

³ Quarenta e dezoito, respectivamente.



— Re... reprovado... Tirei dois...

— Eu já sabia! Estava presentindo! Oh, Senhor! Mas, como foi que você saiu reprovado? Por quê? Em que matéria?

— Em grego... Eu, mamãezinha... Perguntaram-me o futuro de *fero* e eu... em vez de dizer *oisomay* disse *opsomay*. Depois... depois... não se coloca acento circunflexo se a última sílaba é longa, mas eu... eu... me atrapalhei... esqueci que o *alfa* era longo... e coloquei o acento. Depois, Artakserksov me mandou dizer as partículas enclíticas... Eu fui dizendo, mas, sem querer, meti no meio um pronome... eu me enganei... e ele me deu dois... Sou um infeliz... Passei a noite inteira estudando... Durante toda a semana, fiquei me levantando às quatro...

— Não, não é você, eu é que sou a infeliz, garoto infame! Eu é que sou a infeliz! Fez de mim um trapo, meu carasco, meu Herodes, ruindade de minha vida! Fico pagando por você, um patife desencaminhado, dobro a espinha no trabalho, fico esfalfada, sofro, pode-se dizer, e que atenções recebo de você? Como é que estuda?

— Eu... eu estudo. A noite inteira... A senhora mesma viu...

— Pedi a Deus que me mandasse a morte, mas ele não manda, pecadora que sou... Meu torturador! Outros têm filhos como devem ser e eu tenho um só, mas não se tira dele nenhum proveito. Bater em você? Eu bateria, mas onde vou buscar forças? Onde arranjar forças, Mãe do Céu?

Mamãe escondeu o rosto na aba do casaquinho e rompeu em pranto. Vânia pôs-se a rodar angustiada e apertou a testa contra a parede. A tia entrou no quarto.

— Bem, aí está... Meu presentimento... — começou, compreendendo, no mesmo instante, o que acontecera, empalidecendo e erguendo os braços. — Passei angustiada a manhã inteira... Vai ter desgraça, pensei... assim aconteceu...

— Meu bandoleiro, meu torturador! — exclamou mamãe.

— Por que você o xinga? — cortou-lhe a palavra a tia, tirando nervosamente da cabeça o lenço cor de café. — Pen-



sa que a culpa é dele? Você é que é culpada! Você! Para que foi que você o pôs naquele ginásio? Você é alguma fidalga? Querem tornar-se fidalgos? A-a-a-ah... E pensa que assim, sem mais nem menos, vão deixar que vocês se tornem fidalgos! Deveriam era encaminhá-lo para o comércio... deixá-lo trabalhar num escritório, como o meu Kúzia⁴... Lá está ganhando quinhentos por ano. Quinhentos, pensa que é brincadeira? Você está se martirizando e martirizando o menino, com toda esta ciência, maldita seja. Está magrinho, tossindo... Veja bem: tem treze e parece ter dez.

— Não, Nástienka⁵, não, minha querida! Eu bati pouco nele, no meu torturador! Seria preciso bater, aí é que está a coisa! U-u-u... jesuíta, Maomé, tortura de minha vida! — fez um gesto, ameaçando bater no filho. — Deveria açoitar você, mas não tenho forças. Já me diziam antes, quando ele era pequeno: “Dê pancada, dê pancada”... Não escutei os conselhos, pecadora que sou. E agora, estou sofrendo por isso. Espere! Vou moer você de pancada! Espere um pouco...

Mamãe ameaçou-o com o punho molhado e foi, em lágrimas, ao quarto do inquilino. Evtikhi Kúzmitch Kuporossov⁶ estava sentado à mesa, lendo *A dança sem mestre*. É um homem inteligente, instruído. Fala pelo nariz, lava-se com sabonete de cheiro que faz espirrar todos os moradores da casa, come carne em dias de jejum e está à procura de uma noiva instruída, sendo, por isso, considerado o inquilino mais inteligente. Canta como tenor.

— Paizinho! — dirigiu-se a ele mamãe, banhada em lágrimas. — Mostre a nobreza de seu caráter e venha bater no meu filho... Faça-me a caridade! Foi reprovado, para minha desgraça! Acredite, foi reprovado! Não posso castigá-lo, por-

⁴ Diminutivo de Kuzmá.

⁵ Diminutivo de Anastacia.

⁶ Derivado de *kuporós*, vitríolo.



que me falta saúde... Bata nele por mim, seja nobre e delicado, Evtíkhi Kúzmitch! Faça este favor a uma mulher doente!

Kuporossov franziu o sobrolho e soltou pelas narinas um suspiro profundíssimo. Pensou um pouco, tamborilou com os dedos sobre a mesa e, depois de outro suspiro, caminhou em direção a Vânia.

— Quer dizer que o senhor recebe instrução! — começou ele. — Estão-lhe transmitindo conhecimento, querem facilitar-lhe o caminho para avançar na vida, jovem desprezível! Por que foi que o senhor fez aquilo?

Ficou falando por muito tempo, proferiu verdadeiro discurso. Lembrou a ciência, a luz e as trevas.

— Pois bem, jovem!

Terminado o discurso, tirou o cinto e puxou Vânia pela mão.

— Com o senhor, não se pode agir de outra maneira! Vânia inclinou-se obediente e enfiou a cabeça entre os joelhos do inquilino. Suas orelhas salientes, róseas, movimentaram-se sobre as calças novas, listadas com debruns marrons...

Vânia não deixou escapar um ai. À noitinha, um conselho de família decidiu encaminhá-lo para o comércio.

(1883)

Eixo 3: As desigualdades escolares: uma perspectiva micro-social.

Aula 6, 7 e 8: Família, escola e estilos de vida.

Breve descrição: Exibição e análise do documentário “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim, link: https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I. O



documentário aborda as experiências escolares de estudantes de diferentes classes sociais e oriundos de regiões e contextos diversos do país.

Objetivo: Trabalhar a ideia de que famílias, de diferentes classes e grupos sociais, conformam estilos de vida específicos e compartilham formas de ver, agir e pensar distintas. A transmissão dos capitais culturais é feita através do mecanismo familiar, bem como a inculcação de valores, ideias e noções de mundo. Esses valores e concepções de mundo influem diretamente nas perspectivas de vida e na relação com os conteúdos escolares. Além disso, o contato com outros grupos sociais e indivíduos em diferentes contextos influenciam na construção do *habitus*.

Previsão de desenvolvimento: 3 aulas de 45 minutos cada

Recursos necessários: Data show e acesso a internet.

Dinâmica utilizada: Exibição do documentário (2 aulas). Após a exibição, realizar uma roda de conversa com os estudantes sobre as impressões que tiveram sobre o filme, partes que chamaram a atenção, questões que os mobilizaram. Em seguida, propor que relacionem os conteúdos assistidos com os conceitos apresentados ao longo do curso, relacionando com a teoria da reprodução de Pierre Bourdieu.